

A esperança que nos move: desperta sonhos, dinamiza a fé e encoraja a luta pela vida

The hope that moves us: awakens dreams, energizes faith, and encourages the struggle for life

Pedro Rubens Ferreira Oliveira *

Resumo

Este artigo traz, partindo de uma reflexão entre a teologia acadêmica e aquela em linguagem da religiosidade popular, uma reflexão em quatro aspectos. Em primeiro lugar, aborda a noção de dinâmica da fé movida pela esperança messiânica no seio da crise contemporânea caracterizada como crise de esperança. Em segundo lugar, evoca elementos de uma pedagogia da esperança, apontando uma construção e um aprendizado e destacando os sete sinais concretos de uma esperança ativa elencados pelo papa Francisco na perspectiva de mobilizar atitudes e ações em vista de superar os principais desafios e problemas contemporâneos da humanidade. Em terceiro lugar, considera um ensaio de teologia da esperança a partir dos sobreviventes de tantas situações de morte, a partir da teologia decolonial da ressurreição trabalhada pelo teólogo Carlos Mendoza-Álvarez. Em quarto lugar, aponta pistas de uma mística da esperança, a partir dos indícios de resiliência e resistência que permitem afirmar a utopia do Reinado de Deus já presente, mas ainda não plenamente realizado. Dentro de uma dinâmica escatológica, tão própria da fé cristã, conclui-se que, para além de uma pedagogia, importa apostar em uma mistagogia da esperança.

Palavras-chave: Pedagogia da esperança. Religiosidade popular. Teologia decolonial. Insurreição e ressurreição.

Abstract

This article offers a reflection on four aspects, based on a comparison between academic theology and the language of popular religiosity. First, it addresses the notion of the dynamics of faith driven by messianic hope in the midst of the contemporary crisis characterized as a crisis of hope. Second, it evokes elements of a pedagogy of hope, pointing to a construction and a learning process and highlighting the seven concrete signs of active hope listed by Pope Francis with a view to mobilizing attitudes and actions to overcome the main contemporary challenges and problems facing humanity. Thirdly, it considers an essay on the theology of hope based on the survivors of so many situations of death, based on the decolonial theology of resurrection developed by theologian Carlos Mendoza-Álvarez. Fourth, it points to clues of a mysticism of hope, based on signs of resilience and resistance that allow us to affirm the utopia of the Kingdom of God already present, but not yet fully realized. Within an eschatological dynamic, so characteristic of the Christian faith, it concludes that, beyond pedagogy, it is important to invest in a mystagogy of hope.

Keywords: Pedagogy of hope. Popular religiosity. Decolonial theology. Insurrection and resurrection.

Artigo submetido em 11 de março de 2026 e aprovado em 28 de maio de 2026.

* Doutor em Teologia pelas Facultés Jésuites de Paris (2002), professor da Unicap, desde 2006, onde é pesquisador do PPG em Teologia. País de Origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-2736-5523. E-mail: pedro.rubens@unicap.br.

Introdução

Importa, antes de tudo, fazer uma pequena genealogia de meu primeiro encontro com a esperança ou com pessoas testemunhas de esperança. Isso significa partir de meu lugar de fala como teólogo em busca de “beber no próprio poço” (Gutierrez, 2000), resgatando a memória afetiva de uma experiência de fé mediada pela religiosidade popular, de amor aprendido com os encontros e de esperança encontrada onde eu menos poderia esperar: tanto no interior do sertão em sua aridez de sacramentos e de condições de vida como nas periferias urbanas, do nordeste ao sudeste do Brasil.

Agora, a partir da teologia, entendo melhor que esse encontro experiencial com a esperança não significava ser ela, como preconcebia antes, uma espera ilusória ou alienada de um povo sofrido, mas uma concepção que sobrevivia, nas periferias e sertões, como esperança marginal, resiliente, transcendente. E, nessa perspectiva esperançosa do povo mais simples, os sonhos despertavam para enxergar além da dura realidade de um mundo desumano e carente de amor, assim como a fé expressa na religiosidade popular motivava, radicalmente, o encorajamento para uma labuta cotidiana ou luta por melhores dias, espelhando-se nas bem-aventuranças como horizonte de uma felicidade teimosa, utopia do Reinado de Deus (Damião, 2022, p. 136).

A minha descoberta de uma igreja caminhante, movida pelo espírito conciliar – *aggiornamento*, *reformatio* e *renovatio* – revelava um outro jeito de ser igreja. Fazia-se a experiência eclesial de uma comunidade viva, de certa forma não apenas uma igreja em movimento de saída para as periferias, mas sempre nascendo, numa verdadeira “eclesiogênese” (Boff, 2008). A interpretação da Palavra de Deus, no espelho das Escrituras ou no eco de sua leitura infinita (J. Tolentino Mendonça, 2018a), mostrava o reflexo da tradição abraâmica, ato primordial de fé, movido por uma esperança nova e pelo amor que envolve não apenas os laços de família, mas se amplia para formar um povo. Assim, atravessando desertos e cruzando mares, as famílias, caminhando juntas, aprenderam a ser povo em marcha, sonhando com a liberdade e a libertação, peregrinos da esperança messiânica. E, nos tempos do cumprimento da promessa, em Jesus Cristo, testemunha viva do amor maior, foi possível

caracterizar, segundo o testemunho paulino, a esperança como uma aposta de “esperar contra toda esperança” (Rm 4,18), referindo-se ao ato de fé de Abraão, pai de uma descendência de crentes.

Com a publicação de duas novenas populares – Novena dos Sete Sonhos de São José (2024) e Novena de Nossa Senhora da Esperança (2025) – fui instigado a trabalhar essas questões. Aprecia-me traduzir, nos termos de uma teologia acadêmica, aquela teologia em linguagem da religiosidade popular, postulando que aquela é mais originária, experiencial, vital e não uma mera simplificação dessa. Tendo presente essas considerações iniciais, proponho uma reflexão em quatro aspectos. Em primeiro lugar, trabalhamos a noção de dinâmica da fé movida pela esperança messiânica no seio da crise contemporânea caracterizada como crise de esperança. Em segundo lugar, evocamos elementos de uma pedagogia da esperança, trata-se, portanto de uma construção e um aprendizado. Em terceiro lugar, retomamos um ensaio de teologia da esperança a partir dos sobreviventes de tantas situações de morte. Em quarto lugar, enfim, trazemos algumas pistas de uma mística da esperança.

1 A esperança para todo aquele que crê: uma metamorfose necessária

Diante da realidade do tempo presente, já bem caracterizado não apenas como época de mudanças, mas como **verdadeira mudança de época**, o cardeal Tolentino Mendonça defende a necessidade de uma “metamorfose em vista da esperança”. Pois, diz ele,

Não é que não precisemos do discurso da esperança, mas, ou porque não vemos como, ou porque desacreditamos, ela perdeu presença no espaço público e no pensamento contemporâneo. [...] O desejo da esperança permanece radicado no ser humano e é profundo como as batidas do coração. Mas vivemos tempos, porventura, com maior dificuldade em ouvi-lo. A crise contemporânea é também uma crise da esperança (Tolentino Mendonça, 2022, p. 129).

A superação dessa crise supõe, portanto, não apenas falar do tema, mas colocar em xeque algumas representações da esperança, porque, como adverte Tolentino Mendonça, “é insuportável o discurso de uma esperança isenta, empolgada, ligeira, fácil, imediata” (Tolentino Mendonça, 2022, p. 129). Nessa toada, seguirei a pista do cardeal poeta, arriscando, na ordem inversa,

contrapontos a essa enumeração do que não é a esperança, para dizer o que seria uma esperança *duradoura* (e não imediata), *complexa* (e não fácil), *profunda* (e não ligeira), *realista* (e não empolgada) e *comprometida* (e não isenta).

Para que a **esperança seja duradoura** ela precisa ser gestada no tempo e na “carnadura” concreta (Tolentino Mendonça, 2025, p. 9). Por isso, devo recordar que, na novena de Nossa Senhora da Esperança (Oliveira, 2025), propus uma corrente de oração ao longo de nove meses, tempo da gestação, no seio de Maria, de Jesus – *Emanuel, Deus conosco* –, esperança de uma humanidade nova. De entrada, a própria forma de oração popular das novenas entra nessa dinâmica, pois, em momentos repetidos durante um período – nove dias, nove meses – exercício a ser renovado, anualmente, permite que um embrião de esperança ganhe corpo nas palavras, nas expressões, nos gestos, nos cantos, nos silêncios. Silêncio humano para que o Verbo tome a palavra e habite o espaço e o tempo de Deus no seio da história de uma porção da humanidade – normalmente, um pequeno grupo ou comunidade: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Ora, “a encarnação muda tudo” e muda incessantemente, pois o Verbo, fazendo-se carne, permite que a carne se torne uma palavra infinita no mundo da linguagem (Merleau-Ponty, 1962). Jesus Cristo, Palavra que se fez carne, foi condenado à morte, mas Deus o ressuscitou do sono da morte e enviou outro Paráclito, continuando presente na história duradouramente como esperança.

O contrário de uma **esperança fácil** não diz respeito apenas à dificuldade de esperar em um contexto desafiador, mas se trata, sobretudo, de admitir a **complexidade** do mundo, das sociedades e do próprio ser humano. Nessa perspectiva, Edgar Morin resitua a humanidade do século XXI, propondo superar uma visão unilateral que define o ser humano pela racionalidade (*Homo sapiens*), pela técnica (*Homo faber*), pelas atividades utilitárias (*Homo economicus*), pelas necessidades obrigatórias (*Homo prosaicus*). O ser humano, no entanto, é complexo porque se define, ao mesmo tempo, como *sapiens* e *demens*, *faber* e *ludens*, *empiricus* e *imaginarius*, *economicus* e *consumans*, *prosaicus* e *poeticus* (Morin, 2000, p. 58). Será que a teologia está preparada para acolher o ser humano em sua complexidade, associada a uma diversidade irreduzível e uma ambiguidade insuperável? Em todo caso, não se pode mais partir de um sentido

a priori, dado para sempre. Portanto, somente uma teologia como discernimento do humano em toda sua humanidade será capaz de compreender e falar de Deus, segundo o seu mistério inesgotável, entre escondimento e revelação (Tolentino, 2015). Nada disso é concebível sem a perspectiva de uma esperança complexa, no seio da vida, marcada por ambiguidades de toda sorte e muitas necessidades, das mais primárias às mais transcendentais.

Quando Tolentino fala de que a **esperança** não deve ser uma linguagem **ligeira**, ele nos faz pensar não apenas na aceleração da vida cotidiana contemporânea, mas, na contracorrente dessa rapidez superficial, postular uma experiência de **esperança profunda**, exatamente porque a queremos duradoura e abraçando a complexidade vital. Encontramos nas próprias Escrituras – de Abraão, pai da fé, a Paulo, “apóstolo da esperança” (Venâncio, 2025, p. 9) – experiências e testemunhos que permitem um aprofundamento da esperança. Mas é na experiência de ressurreição do Senhor que todas as promessas encontram seu fundamento e cumprimento último. Pois, como diz o apóstolo Paulo, “se Cristo não ressuscitou vã é a nossa fé” (1 Cor 15,14). Resta, porém, compreender a ressurreição em sua dimensão escatológica, portanto, já presente como dom em nossas vidas e ainda não plenamente manifesta. Isso aponta para a necessidade de uma mística da esperança.

A **empolgação** e o entusiasmo, certamente, fazem parte da vida, mas são insuficientes para fundamentar um discurso **esperançoso realista**. A esperança supõe humildade e manter os pés no chão (*húmus*) da realidade, embora ela nos mova e projete para frente, proporcionando uma dilatação da **alegria**¹ (para além da simples empolgação), da **motivação**² (para além do mero entusiasmo) e da **felicidade** (para além do bem-estar) (Damião, 2022). O critério da esperança realista ou realizável é a esperança abraâmica, paradigmática para todo aquele que crê: ela define-se pelo caminho que se percorre, desde o primeiro passo de Abraão, rumo a uma promessa, com os pés no chão, mas sem deixar de contemplar uma constelação infinita de

¹ Em um país de tantos carnavais, importa uma abordagem de uma alegria duradoura, como sugere a canção de Gonzaguinha (1982): “Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a alegria de ser um eterno aprendiz...”

² Importante considerar que a esperança pode ter motivações diferentes: políticas, educativas, sociais e, entre outras, também a motivação da fé.

possibilidades nos céus: “Então o Senhor lhe falou nestes termos: [...] “Contempla o céu e conta as estrelas, se conseguires contá-las [...] Tal será tua descendência. Abraão teve fé no Senhor, e por isso o Senhor o considerou justo” (Gn 15, 4-6). Trata-se de uma esperança experiencial, viva e vivida, possível hoje, porque ancestral, provada ao longo da história. Enfim, como gostava de afirmar Ariano Suassuna: “o otimista é um bobo, o pessimista é um chato; bom mesmo é ser um realista esperançoso”.

Seguindo a descrição tolentiniana de como não deve ser a esperança, cabe falar, por fim, de uma **esperança não isenta**, ou seja, neutra, imparcial. Isso significa, em registro cristão, postular uma **esperança que assume compromissos**, faz opções, arrisca decisões, age na dinâmica da fé e expressa-se, concretamente, como amor. Do ponto de vista acadêmico e prático, isso significa falar de uma teologia responsável, isto é, uma teologia que responde a situações concretas, assumindo o risco da interpretação e da ação. Segundo Claude Geffré,

[...] uma teologia responsável não se contenta em propor novas interpretações da mensagem cristã. Ela leva a sério os sujeitos concretos da história e conduz a um “fazer”, quer dizer: uma certa transformação da prática das pessoas e das sociedades em vista do Reino que vem. A teologia compreendida como ciência hermenêutica comporta, pois, uma dialética incessante entre teoria e prática. E a prática não é somente a verificação de um discurso teórico. Ela é um lugar teológico. É dizer que ela é uma fonte de sentido. Ela é um princípio de discernimento que nos convida a uma reinterpretação do cristianismo (2009, p. 25-26).

Interessante como o grande teólogo francês dominicano insere aqui as teologias chamadas contextuais, tanto da América Latina como de outros continentes, mostrando a pertinência e necessidade de reinterpretar, constantemente, o cristianismo a partir de cada realidade nova:

Os teólogos da libertação são, por exemplo, teólogos hermenêuticos que estão em busca de uma inteligência nova da salvação cristã a partir deste lugar teológico que é a história dos oprimidos e eles manifestam que o Reino de Deus como reino de justiça e de paz se experimenta já se experimenta nos processos históricos de libertação humana. Podemos dizer o mesmo de todas as teologias contextuais, como as teologias feministas e as diversas Teologias do Terceiro Mundo, na África e na Ásia (Geffré, 2009, p. 26).

Assim, uma concepção de esperança duradoura, complexa, profunda, realista e comprometida nasce no seio do próprio Evangelho, este como força

(*dynaméis*) de Deus para todo aquele que crê (Rm 1,16). Essa dinâmica implica, portanto, a fé, a esperança e o amor, relação sem confusão nem separação:

Se é a esperança que conserva a fé em vida, a sustenta e impele para frente; se é a esperança que introduz o crente na vida de amor, também deve ser a esperança que mobiliza e impulsiona o pensamento da fé, o conhecimento e a reflexão sobre o ser do homem, da história e da sociedade. O crente espera conhecer o que crer. Por isso todo o seu conhecimento, como conhecimento antecipatório, fragmentário, que preludia o futuro prometido, apoia-se na esperança (Moltmann, 1971, p. 23).

A esperança crente é, ao mesmo tempo, dom divino e tarefa humana. Nesse sentido, ela supõe não somente acolher o dom, mas desenvolvê-lo; não apenas propor uma meta, mas caminhar até ela; não unicamente compreender seu sentido existencial, mas elaborar uma pedagogia.

2 Pedagogia da esperança: das dores de parto ao nascimento de um sonho novo

“[...] Não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho” (Freire, 1992, p. 14). Assim, o grande pedagogo pernambucano, lançou a sua “Pedagogia da esperança” (1992), como proposta de “reencontro com a pedagogia do oprimido”, conforme indica o subtítulo de sua obra. Embora aquele contexto e o nosso sejam radicalmente diferentes, encontramos ainda inspiração e atualidade em sua reflexão. Inclusive porque aqueles anos que antecederam a virada do milênio estavam ainda à sombra do fim da ditadura e marcados pelo fim das utopias. O ambiente de cansaço existencial, descrédito das instituições e frágil redemocratização tornava a desesperança algo bastante evidente, inclusive com explicações políticas, econômicas e sociais. Mesmo assim, o pedagogo postulou, firmemente, a esperança não por teimosia, dizia ele, mas por necessidade ontológica:

A razão de ser de minha esperança radica na natureza inacabada de meu ser histórico. Inconcluso, mas consciente de minha inconclusão, me acho inserido num movimento permanente de busca. Minha esperança se funda na impossibilidade de buscar desesperadamente. É nesse sentido que tenho afirmado que não sou um esperançoso por pura teimosia, mas por uma questão de radicalidade ontológica. A nossa esperança tem que ver com a nossa capacidade de decidir, de romper, de escolher, de ajuizar. Tornamo-nos seres éticos, conscientes, sonhadores, utópicos. Por isso, seres a quem a esperança falta (Freire, 1995, p.239).

Aquilo que o pedagogo admitiu como imperativo histórico e necessidade ontológica, o crente pode expressar como experiência existencial: “Se o elogio da esperança tem hoje cabimento, é o de uma que aceita a prova de fogo da desesperança e que, se alguma coisa a transcende, também a integra no seu próprio processo” (Tolentino Mendonça, 2022, p. 129). Nessa perspectiva, o papa Francisco, entre tantos legados, antes de partir, inaugurou o jubileu³ ordinário de 2025, *Spes non confundit* (“a esperança não decepciona nunca”, Rm 5,5). E, na linha do Concílio Vaticano II, o saudoso papa propõe discernir os sinais dos tempos não como fatalidades, mas como apelos à conversão, uma mudança do estilo de vida e uma transformação de mentes e corações, sociedades e instituições, instigando todos e cada um a reaprender com Abraão, pai da fé, a “esperar contra toda esperança” (Rm 4,18), ou seja, integrar no próprio processo de “construção da esperança”⁴ a vida posta à prova da desesperança.

Portanto, ontem como hoje, trata-se de apostar na possibilidade de um novo tempo. Nesse sentido, todo jubileu é um tempo aberto à esperança de uma humanidade nova, de uma terra renovada, de relações sociais e institucionais projetadas para um futuro melhor, transformando sonhos e projetos em realizações. O papa Francisco destacou, assim, **sete sinais concretos de uma esperança ativa**, na perspectiva de mobilizar atitudes e ações em vista de superar os principais desafios e problemas contemporâneos da humanidade (Francisco, 2025).

- (1) O primeiro sinal de esperança deve ser a “a paz para o mundo, mais uma vez imerso na tragédia da guerra” (n. 8).
- (2) O segundo sinal de esperança deve ser “uma visão de vida carregada de entusiasmo a ser transmitida” (n. 9).
- (3) O terceiro sinal deve ser voltado para as pessoas que vivem em situações difíceis, como as que vivem nas prisões, nem sempre respeitando os direitos humanos fundamentais (n. 10), além de existir a pena de morte.

³ Originalmente, segundo o livro do Levítico, jubileu significava um ano declarado sagrado, o que acontecia a cada 50 anos; com o tempo, a igreja católica propôs jubileu ordinário também a cada 25 anos, além de jubileus extraordinários. Mais que uma mera celebração religiosa temática, jubileu é um tempo de apelo à conversão que, segundo a tradição bíblica, implicava a libertação dos escravos, a restauração das propriedades familiares, o perdão das dívidas e o descanso da terra (Lv 25,8-55).

⁴ Nos anos 1990, a arquidiocese de Belo Horizonte lançou um projeto intitulado “construir a esperança”.

(4) O quarto sinal é voltado para as pessoas enfermas em suas casas ou hospitais ou sem condições para o tratamento necessário, e para as quais até mesmo uma visita pode significar um alento de esperança (n. 11).

(5) O quinto sinal faz alusão aos jovens, sobretudo aqueles que sofrem com “a ilusão das drogas, o risco da transgressão e a busca do efêmero” confundindo o verdadeiro sentido da vida (n. 12).

(6) O sexto sinal se traduz em sinais de solidariedade e esperança para com os migrantes, os deslocados e os refugiados (n. 13), todas as pessoas que abandonam as suas terras por causa das guerras, da violência, da discriminação e de tantas outras situações semelhantes.

(7) Enfim, expressar gestos de apoio e esperança para com as pessoas idosas, muitas vezes sozinhas e abandonadas, notadamente os avôs e avós, “que representam a transmissão da fé e da sabedoria de vida às gerações mais jovens” (n. 14).

Mais que um elenco de vítimas vivendo em situações desesperadoras, trata-se de proclamar a esperança como aposta em outro mundo possível, outra humanidade a gestar, a partir do próprio testemunho dessas pessoas. A esperança, segundo o apóstolo Paulo⁵, portanto, não é um sonho ilusório, mas uma forma diferente de interpretar até a realidade do sofrimento humano, sempre tão atual: “os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deve ser revelada em nós. Pois a criação espera com impaciência a manifestação dos filhos de Deus” (Rm 8,18). Ou seja, a esperança supõe uma participação ativa e concreta da humanidade, considerada de filiação divina, segundo a dinâmica da fé: “Torna-se ainda mais claro que a esperança não pode sobreviver sem o dom do Espírito e sem a vida nova que os cristãos recebem enquanto filhos e herdeiros” (Tolentino Mendonça, 2022, p. 135).

O papa Francisco propõe, portanto, não uma ideologia para justificar a realidade vigente (*status quo*), nem uma utopia impossível, mas uma verdadeira “pedagogia da esperança” que implica buscar e promover sinais de esperança diante de pessoas reais que estão desesperançadas e vivendo situações limites,

⁵ Somente na Carta aos Romanos, Paulo utiliza o substantivo esperança 13 vezes (Rm 4,18.19; 5,2.4.5; 8,20.24.24.24; 12,12; 15,4.13.13) e na forma verbal aparece ainda em Rm 8,24.25; 15,12.24). Ver texto-base do mês da Bíblia 2025, em que vários autores comentam a Carta aos Romanos (CNBB, 2025).

mobilizando ações concretas, desde as mais imediatas às mais efetivas. De certa forma, quando Paulo Freire transformou a esperança em verbo, ele revelou essa dinâmica vital e sua concretude:

Quando estamos sem forças, precisamos ter esperança (...) diferente de ficar esperando, esperar é sonhar, é definir o que se quer, e o como se irá alcançar, então esperar passa a ser uma força que nos torna resilientes [...] Esperar é não desistir [...] É juntar-se com outros e fazer de outro modo. (Freire, 1992).

Por conseguinte, a esperança nas concepções freiriana e paulina desperta sonhos para além de meras ilusões, ajudando a reler o passado, a encontrar soluções criativas no presente e a projetar um futuro diferente e melhor (Tolentino Mendonça apud Oliveira, 2024). Mas, como gostava de repetir Dom Helder: “sonho que se sonha só, pode ser pura ilusão; sonho que se sonha juntos é sinal de solução”. Ainda no período da pandemia, o papa Francisco, lançou um livro sobre os sonhos – “Vamos sonhar juntos” –, e, na linguagem popular, resgatou a devoção de São José dormindo e sonhando.

Partindo dessa inspiração, foi que eu elaborei as duas novenas mencionadas, com base na devoção a São José e à Nossa Senhora. Enquanto José, o justo, toma suas decisões sempre a partir dos sonhos, nos quais Deus se revela, Maria está associada àquela pequena porção do povo de Deus que esperava somente em Deus. Segundo o papa Francisco (2025) “a esperança encontra, na Mãe de Deus, a sua testemunha mais elevada. Nela vemos como a esperança não é um efêmero otimismo, mas dom de graça no realismo da vida”.

Na perspectiva de um realismo esperançoso, importa, finalmente, reencontrar o lugar do sonho e da utopia:

Por isso, esperanças e antecipações do futuro não são luz que ilumina uma realidade já decrépita, mas percepções realistas do horizonte do real-possível, as quais põem tudo em movimento e o conservam em estado de mutabilidade. A esperança e o pensamento que a ela corresponde não podem, portanto, receber a pecha de utopia, pois, não se orientam, para aquilo que é “sem lugar”, mas para aquilo “que ainda não tem lugar” e que pode vir a tê-lo (Moltmann, 1971, p. 13).

Resta saber ainda se, além dos sinais como apelos que mobilizam ações concretas, teríamos alguns indícios de esperança presentes na história ou que ainda não têm lugar, mas podem ter.

3 A luta pela vida, entre insurreição e esperança na ressurreição

“Como pensar a esperança sustentável de uma vida plena em tempos de colapso global?”

Eis uma questão fundamental para toda teologia cristã da ressurreição segundo o teólogo Carlos Mendoza-Álvarez, em seu livro *A ressurreição como antecipação messiânica: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes*. Nessa obra, o autor mexicano propõe uma teologia decolonial da ressurreição com o objetivo de promover a esperança, por um lado, a partir da experiência resiliente dos que resistem e, por outro lado, aberta como possibilidade para toda a humanidade (Mendoza-Álvarez, 2020). Crer na ressurreição, postula o teólogo, é uma “insurreição de vida nova, praticada com dignidade, resiliência e esperança pelas pessoas e comunidades sobreviventes de hoje” (Mendoza-Álvarez, 2020, p. 23). Decolonial porque essa teologia

Somente pode ser compreendida no “aquém” da violência sistêmica, ou seja, a que é desconstruída pelos familiares das vítimas sistêmicas – aquelas que foram assassinadas, desaparecidas e tratadas como lixo em fossas clandestinas ou confinadas nos campos de concentração de hoje – quando resistem a viver esse horror sem dignidade, nem justiça, nem esperança. E assim, vivendo essa insurreição, ressurgem – o modo pós-moderno e decolonial de dizer “ressuscitam” – com esperança no meio do horror (Mendoza-Álvarez, 2020, p. 20).

Trata-se, para o autor, de assumir, com as teologias fundamentais contextuais, a tarefa de toda teologia e do testemunho cristão: estejam “sempre prontos a responder a todos que vos pedirem uma palavra sobre a esperança que há em vós!” (1Pd 3,15-16). Além de situar nosso tempo no contexto da pós-modernidade e nas teologias do Sul global, Mendoza-Álvarez parte de um duplo desmoronamento: primeiro, a superação da cristandade pela modernidade; segundo, o declínio da modernidade e o fracasso da razão que prometeu – mas não garantiu – garantir direitos fundamentais, mas não superou a irracionalidade das guerras e o absurdo dos bolsões de pobreza, além do uso predatório dos recursos naturais. Ambas, cristandade e modernidade, têm em comum a lógica sistêmica, totalizante e excludente. E, embora presenciemos alguns movimentos retrógrados e sinais de tradicionalismos, compreensíveis pela dinâmica pendular da história, nada indica que haverá um retorno ao regime da cristandade ou às teocracias, nas sociedades ocidentais (Mendoza-Álvarez, 2011).

Nesse sentido, tanto a crítica da pós-modernidade como a perspectiva decolonial apontam para a busca de uma outra abordagem (teo)lógica ou a elaboração de critérios de um discernimento teológico e pastoral. Isso só será plausível, porém, se considerar-se a diversidade de situações e pluralidade de opiniões, sem renunciar à busca da verdade e da presença atuante de Deus no mundo. Mas, se no Concílio Vaticano II, sobretudo em sua recepção na América Latina falava-se da irrupção dos esquecidos da história e da opção preferencial pelos pobres (Puebla, 1979), assistiu-se depois, na teologia mundial, a uma ampliação da visão para incluir outras pessoas e situações de exclusão e marginalização, não apenas sociologicamente, mas até digitalmente, realidade identificada nos mais diferentes continentes da aldeia global. Por isso, é pertinente a proposta de Mendoza-Álvarez quando ele afirma os sobreviventes – das comunidades, grupos e movimentos populares – como protagonistas de uma insurreição e testemunhas da ressurreição.

Nesse ensaio sobre a ressurreição, o autor propõe alguns passos como tarefa de uma teologia fundamental da esperança. Primeiro, ele parte da escuta dos clamores daqueles que sofrem, em continuidade com o método das teologias latino-americanas da libertação, mas outramente, inclusive para dar conta da mudança de contexto:

Partimos do clamor das vítimas do século XXI, tal como chega até nós através de sua palavra e do seu luto, por meio dos movimentos sociais de familiares de pessoas desaparecidas ou assassinadas, no contexto de violência sistêmica própria da globalização do capitalismo, o patriarcado, o colonialismo e a religião sacrificial (Mendoza-Álvarez, 2020, p. 283).

Para o autor mexicano, no entanto, não se trata de um diagnóstico paralisante, nem de uma fatalidade, mas de um apelo acompanhado de um sinal de esperança nascida da contradição, que incorpora a desesperança em seu seio, na mesma linha da percepção dos sinais de esperança do jubileu da esperança, mas, nessa obra, acentuando a resistência como fator principal do protagonismo das vítimas:

Mas a força de suas resistências [das vítimas], acompanhada pela busca da verdade, da dignidade e da justiça, já aparece como um indício de esperança, não apenas para elas, mas para uma humanidade ferida de morte (Mendoza-Álvarez, 2020, p. 283).

Em segundo lugar, Carlos Mendoza-Álvarez busca recolher “o pensamento crítico que analisa os cenários, os processos, os atores, as causas e as possibilidades de realização da mudança de mundo que a humanidade almeja [...]” (Mendoza-Álvarez, 2020, p. 283). Dialogando com abordagens diversas, ele faz uma reflexão sobre o luto das vítimas numa perspectiva antropológica e simbólica “para enfrentar a ausência das pessoas que foram desaparecidas ou aniquiladas pela violência sistêmica, analisamos as contribuições da psicanálise no trabalho de luto” (Mendoza-Álvarez, 2020, p. 284). Sabemos como os empobrecidos e marginalizados de todos os tempos e lugares convivem com a morte em suas diversas formas.

Em terceiro lugar, o autor lança a pergunta ou questionamento para as comunidades de tradições diversas que professam a *fé na vida que não acaba*, particularmente do cristianismo que crê na ressurreição dos mortos:

Com uma narrativa messiânica *sui generis* centralizada no “filho do homem” – assumida pelo próprio Jesus de Nazaré desde a sua tradição galileia – suas discípulas e apóstolos releem a vida do Nazareno em perspectiva *escatológica*, através de duas narrativas fundacionais para esse novo modo de viver a temporalidade messiânica: o túmulo vazio e as aparições do *Crucificado que despertou* (Mendoza-Álvarez, 2020, p. 284).

Enfim, Mendoza-Álvarez conclui com uma reflexão teológica fundamental da ressurreição como insurreição, apelando para três dimensões da redenção realizada por pessoas justas⁶:

As *resistências* das vítimas do sistema como insurreição de linguagens de vida em meio ao horror; a *temporalidade messiânica* relida em chave kairológica como “contração do tempo” que é vivida pelo Justo e pelos justos da história; para concluir com uma descrição da *esperança indignada* como potência de experiência que deriva do *Crucificado que despertou*, experiência que vivem também os justos da história, junto com as comunidades de sobreviventes que mantém viva a sua memória e assumem a tarefa de uma mudança de mundo como antecipação da redenção (Mendoza-Álvarez, 2020, p. 286)⁷.

Assim, o crente é interpelado a apostar na luta pela vida, entre dois polos de uma tensão escatológica: primeiro, a atitude de reação e insurreição do justo, como forma de não capitular diante dos desafios e dificuldades da existência em

⁶ Segundo o evangelho, José era um homem justo (Mt 1, 19), sonhava com um mundo mais justo. Ver Oliveira, 2024, p. 33-40.

⁷ Ver Paulo Freire, 2000.

uma sociedade marcada pelas injustiças, e, segundo, a perspectiva da ressurreição de Cristo Jesus – *o Crucificado que despertou* –, como “primícias dos que morreram” (1Cor 15,20). Ora, “a fé na ressurreição dos mortos flui – no coração das comunidades de sobreviventes da violência sistêmica do século XXI – como riacho que percorre colinas e vales convertidos em deserto” (Mendoza-Álvarez, 2020, p. 337). Esse riacho, para além das margens estreitas da história, corre na direção da “terceira margem do rio” (Guimarães Rosa, 1994).

4 Em busca de uma mística da esperança

“A teologia cristã da esperança irrompe do inaudito evento em que Deus ressuscita Jesus dos mortos e concede o Espírito aos crentes” (Tolentino Mendonça, 2022, p. 139). Por isso, a esperança que move a experiência crente desperta sonhos, dinamiza a fé e encoraja a luta pela vida, sobretudo e paradoxalmente, segundo o testemunho daqueles que mais sofrem, não somente como sobreviventes, mas como resilientes, em nome da teimosia da fé e da confiança total em Deus. Isso é compreensível e digno de fé porque “a realidade da esperança cristã funda-se em dois planos: na certeza da vitória de Deus sobre o mal, com a morte a ressurreição em Cristo, e no dom atual do Espírito Santo” (Tolentino Mendonça, 2022, p. 134).

À luz dessa dinâmica do Espírito, porém, faz-se necessário um discernimento, como visto, colocando em questão algumas representações da esperança, em vista de superar qualquer legitimação de sonhos ilusórios, negação de toda expressão de fé desencarnada e questionadora de toda forma de vida acomodada, condicionada e sem perspectivas de futuro. Para isso, em um momento histórico marcado por uma crise de esperança, é preciso não somente de uma pedagogia a partir dos sinais dos tempos, mas de uma mística da esperança para o tempo presente, uma mistagogia do Espírito. Aliás, segundo um aforismo de Karl Rahner, “no século XXI, o cristão ou será um místico ou não será cristão”. Mas de que mística se está falando?

Não se trata, certamente, de uma mística que aliene da realidade nem que se projete para uma outra vida em outro mundo, mas de uma mística encarnada e integradora, isto é,

A mística, entendida como experiência integral da vida, desafia-nos a uma nova composição onde os opostos (matéria e espírito, corpo e alma, razão e sentimento, *logos* e mito, prosa e poesia) são reconhecidos e mantidos conjuntamente, em harmonia (Tolentino Mendonça, 2016, p. 33).

Mas, se, por um lado, a mística cristã não é resultado de um esforço pessoal e voluntarista, mas um verdadeiro dom de Deus e de um exercício espiritual, um modo de viver movido pelo Espírito que nos move, na perspectiva da esperança messiânica, realizada plenamente em Jesus Cristo, por outro lado, trata-se de uma experiência comunitária, conforme indica Gustavo Gutierrez em sua obra, *Beber no próprio poço: itinerário espiritual de um povo*.

Essa obra, marcante de uma estação teológica e eclesial do século XX, apresenta a espiritualidade como uma aventura comunitária, como o caminhar de um povo que faz o seu próprio caminho no seguimento de Jesus, não em condições históricas idealizada, isentas de dificuldades e sofrimentos, mas sim através da solidão, do cansaço e das ameaças do deserto, precisamente como o povo de Deus na sua marcha exodal a caminho da terra prometida (Tolentino Mendonça, 2018b, p. 95).

Paradoxalmente, porém, “a dimensão escatológica da mensagem de Jesus traz à tona a radical negação de Deus contra todas as formas de mal e sofrimentos” (Damião, 2022, p. 151), na teimosia de uma vida feliz. A esperança, assim, realiza essa negação, incorporando as experiências de sofrimento da vida em seu próprio movimento, e, na perspectiva da bênção de nossos ancestrais, postula uma felicidade como promessa escatológica, já agora real, mas ainda não plenamente alcançada:

De tal forma que a felicidade eterna não é um acidente escatológico necessário para reparar um pecado original passado ou, muito menos, um prêmio reservado a poucos eleitos, ela emerge como característica identitária da humanidade que, presente desde a sua criação, alicerça sua busca por sentido e fortalece a esperança que impulsiona sua existência (Damião, 2022, p. 199).

Essa felicidade evangélica tem como fundamento primeiro as bem-aventuranças e horizonte último o Reinado de Deus, inaugurado por Jesus e continuado pelo Outro Paráclito, segundo a promessa do Pai a Abraão e a toda sua descendência, da qual somos parte. Assim, “mesmo se é difícil conservá-la [a esperança] na travessia turbulenta de tantos sofrimentos, os cristãos recebem o conforto e a garantia do Espírito” (Tolentino Mendonça, 2022, p. 134). Dito outramente, com as metáforas paulinas, trata-se de uma gestação e de um parto:

Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deve ser revelada em nós. [...] Com efeito, sabemos, a criação inteira geme ainda agora nas dores de parto. E não só ela: também nós, que possuímos as primícias do Espírito, gememos interiormente, esperando a adoção, a libertação para o nosso corpo. Pois nós fomos salvos, mas o fomos em esperança. [...] Do mesmo modo, também o Espírito vem em socorro da nossa fraqueza, pois nós não sabemos rezar como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis [...] (Rm 8, 18.22-24.26).

A Palavra de Deus atua, portanto, como verdadeira “maiêutica histórica” (Torres Queiruga, 2010). E, esses três gemidos revelam um novo tempo em gestação, assim como as dores de parto expressam uma relação solidária entre **os que sofrem** – sobretudo os sobreviventes que lutam por uma vida digna de filhos e filhas de Deus –, a **criação** inteira – em sua agonizante devastação – e o próprio **Espírito** – o outro Paráclito, dom da Páscoa do Crucificado que despertou. Essa mística da esperança é digna de fé e não decepciona, porque fundada em uma experiência amorosa de Deus, como atesta o apóstolo Paulo: “a tribulação produz a perseverança; a perseverança, a fidelidade provada; a fidelidade provada, a esperança; e a esperança não engana, pois, o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito que nos foi dado” (Rm 5, 3-5).

Conclusão

Partindo da leitura do momento presente como crise de esperança, trabalhamos a dinâmica da fé cristã como possibilidade de superação de tanta desesperança, remando contra a corrente da história. Mas, para isso, faz-se necessário colocar em questão algumas concepções de esperança e trabalhar uma verdadeira pedagogia da esperança, a partir dos sinais dos tempos e de tantas testemunhas ao longo da história, desde o primeiro passo de Abraão à atitude do último crente que não se desespera diante das dificuldades, mas, ao contrário, confiando em Deus, é capaz de esperar, aliás, esperar contra toda esperança. No entanto, além desses sinais de contradição como apelo a uma resposta, reação e atitude dos crentes, levantamos ainda a questão se teríamos alguns indícios de resiliência e resistência que permitissem afirmar a utopia do Reinado de Deus. Buscamos, nesse sentido, numa teologia da ressurreição a partir do testemunho dos sobreviventes que, apesar de tantos sofrimentos, injustiças e mortes, são capazes de resistir e manter viva a chama da fé, na luta pela vida plena. Encontramos assim, indícios fortes de uma humanidade nova *já* presente,

embora *ainda não* plenamente realizada. Dentro dessa dinâmica escatológica, tão própria da fé cristã, concluimos que, para além de uma pedagogia, importa apostar em uma mistagogia da esperança. Trata-se, enfim, de acreditar que, entre tantos processos de libertação em vista da salvação, possamos, constante e renovadamente, despertar sonhos, dinamizar a fé e encorajar a luta pela vida para além de todo e qualquer tipo de morte. Essa experiência de fé supõe um trabalho incansável de testemunho e transmissão, a fim de que, pelo anúncio da salvação em Jesus Cristo, a humanidade inteira “ouvindo creia, crendo espere, esperando ame”⁸.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese**: a reinvenção da igreja. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2017.

CNBB. **Texto-Base para o Mês da Bíblia de 2025**: Carta aos Romanos – "A esperança não decepciona" (Rm 5,5). Brasília: Edições CNBB, 2025.

DAMIÃO, Sérgio Albuquerque. **Teologia da Felicidade**. São Paulo: Paulinas/Recife: Unicap, 2022.

FRANCISCO. **Spes non confundit**. Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html. Acesso em: 2 set. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz & Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: Paz & Terra, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

GEFFRÉ, Claude. **A teologia fundamental como hermenêutica**. Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap, ano 8, n. 2, jul./dez. 2009.

GONZAGUINHA. **O que é, o que é?**. In: **Caminhos do Coração**. [S.l.]: EMI, 1982. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/183331/>. Acesso em: 2 set. 2025.

GUTIERREZ, Gustavo. **Beber em seu Próprio Poço**. São Paulo: Loyola, 2000. Coleção Teologia Latino-americana.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: ROSA, João Guimarães. Ficção

⁸ Dinâmica da relação entre fé, esperança e amor retomada pela constituição dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina, a partir de uma citação de Santo Agostinho: DV 1.

completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

MENDONZA-ÁLVAREZ, Carlos. **A ressurreição como antecipação messiânica: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes.** Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

MENDONZA-ÁLVAREZ, Carlos. **O Deus escondido da pós-modernidade.** São Paulo: É Realizações Ed., 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sinais.** Lisboa: Minotauro, 1962.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança.** São Paulo: Herder, 1971.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro.** São Paulo: Cortez Editora; Brasília: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira. **Novena dos Sete Sonhos de São José.** São Paulo: Paulinas/Loyola, 2024)

OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira. **Novena da Esperança.** Rezando nove meses com Maria. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2025.

TOLENTINO MENDONÇA, José. **A mística do instante. O tempo e a promessa.** São Paulo: Paulinas, 2016.

TOLENTINO MENDONÇA, José. **A leitura infinita: A Bíblia e a sua interpretação.** São Paulo: Paulinas/Recife: Unicap, 2018a.

TOLENTINO MENDONÇA, José. **Elogio da sede.** São Paulo: Paulinas, 2018b.

TOLENTINO MENDONÇA, José. **Metamorfose necessária. Reler São Paulo.** Lisboa: Quetzal, 2022.